

RELEASE

BANGALAFUMENGA

TURNÊ

BARRACO DOURADO

ESTE MATERIAL CONTÉM INFORMAÇÕES RELATIVAS A:

- RELEASE DO BANGA
- FOTO DE DIVULGAÇÃO
- RELEASE DO CD BARRACO DOURADO



CONTATOS

Empresariamento:

MPB Produções
55 21 2294-7294
55 21 2239-7792

Amaury Linhares
55 21 8762-2295
ID Nextel 46*13818

João Paulo Linhares
55 21 8762-4768
joaopaulo@banga.com.br

Marcella Linhares
55 21 8762-2300
marcella@banga.com.br

Produção Executiva:

Natália Guimarães
55 21 8122-2353
55 21 7864-2973
ID Nextel 10*2916
natalia@banga.com.br

Site: www.banga.com.br



RELEASE BANGALAFUMENGA

Um evento chamado Bangalafumenga. Em 1998 – no Planetário da Gávea –, idealizado pelo poeta Chacal, o projeto promovia encontro de novos compositores do samba, e, também do pessoal da poesia e das artes em geral. Rodrigo Maranhão e Celso Alvim lá se encontraram. A paixão pelo carnaval era um ponto de interseção entre os dois. Fundaram o bloco Bangalafumenga.

Em 1998, o bloco desfilou da ponta do Leblon até o “baixo bebê”, sob forte tempestade. No ano seguinte, a rapaziada desfilou na passarela do Museu de Arte Moderna, sobrevoando os carros no aterro. A partir de 2001, a batucada se transferiu para a Cinelândia, sempre na terça-feira antes do carnaval. Em 2006, o “Banga” estreitou os laços com o Império Serrano. Também neste ano, atravessou a ponte e realizou eventos que chegaram a arrastar mais de quatro mil pessoas em São Gonçalo.

Destaca-se por apresentar um repertório autoral, uma bateria formada em casa e a experiência de 12 carnavais muito bem brincados. O desfile acontece hoje, na Rua Pacheco Leão, e, em 2007, novamente arrastou uma multidão pelas ruas de São Gonçalo. As rodas de samba no Cosme Velho; os desfiles pela praia e no Horto; os bailes; o repertório autoral. O “Banga” fez muita coisa em 12 carnavais. Foi um dos blocos responsáveis pela revitalização do carnaval de rua carioca, hoje, patrimônio da cidade.

Com o sucesso do carnaval, os principais integrantes ficaram motivados a seguir com o trabalho durante o ano, fazendo shows com uma formação reduzida, mas sem perder a sonoridade e a característica festiva do bloco. Este foi o estopim para o surgimento da banda “Bangalafumenga”. No entanto, mesmo como uma banda, não perderam o jeito “vira-lata”, e, não deixaram de participar da folia do carnaval de rua. O resultado é um som direto, percussivo, super dançante, com uma linguagem poética simples.

Assim, o trabalho foi começando a conquistar a simpatia do público, e respeito de nomes consagrados da nossa música. Já dividiram palco com artistas como: Nei Lopes, Zélia Duncan, Fernanda Abreu, Marcelo D2, Roberto Frejat, Seu Jorge, Paula Lima, Walter Alfaiate, Adriana Calcanhoto, Pedro Luís e a Parede, Serjão Loroza, Toni Garrido, entre outros. Rodrigo Maranhão, líder e principal compositor do grupo, já foi gravado por vários intérpretes da música brasileira. Destaque para Fernanda Abreu, Zélia Duncan, e Maria Rita, esta última que gravou a canção “Caminhos das Águas”, que deu ao compositor o Grammy Latino de melhor canção brasileira de 2006.

(CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA)



RELEASE BANGALAFUMENGA

(CONTINUAÇÃO)

O repertório do “Banga” conta com suas canções, e de outros compositores da nova safra, além de clássicos da boa música brasileira. Em 2009, o “Bangalafumenga” lança o terceiro CD de sua carreira, “Barraco Dourado” (MPB/Universal), privilegiando o lado autoral do grupo. É indicado ao “Prêmio de Música Brasileira” – o antigo “Prêmio Tim” – na categoria Pop/Rock, para melhor disco e banda. Vence, levando o título de melhor banda de Pop/Rock em 2009. Entra para a trilha sonora da novela das oito, “Caminho das Índias”, com a releitura de ‘Lourinha Bombril’.

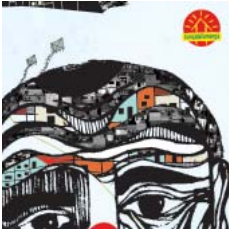
No mais, no dicionário, Bangalafumenga quer dizer um indivíduo sem importância, um “João Ninguém”. Na tradição do nosso samba, era o nome dado às casas do Rio Antigo que abrigavam as batucadas, numa época em que carregar um violão ou batucar era caso de polícia. Como os tempos são outros, hoje, com o “Bangalafumenga” na área, a festa está liberada, o surdo bate forte sem medo do delegado, e, a casa recebe seus convidados de portas abertas. Divirta-se.



FOTO DE DIVULGAÇÃO

por Manuel Águas





RELEASE CD BARRACO DOURADO

O Banga nasceu no verão de 98, fundado pelo poeta Chacal e pelos músicos Rodrigo Maranhão e Celso Alvim. No início era um espaço de samba, poesia e improviso no Planetário da Gávea. Virou bloco no mesmo ano e iniciou sua viagem musical.

As rodas de samba no Cosme Velho; os desfiles pela praia e no Horto; os bailes; o repertório autoral. O Banga fez muita coisa em mais de 11 anos de caminho independente. Até a casinha da logo virou casa de verdade. Hoje o grupo tem endereço fixo na Rua das Palmeiras em Botafogo (RJ), onde funciona a oficina de percussão. É lá que ensaia a bateria do bloco, formada por mais de 100 alunos.

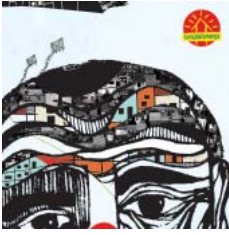
Paralelo a toda movimentação carnavalesca, o Banga desenvolveu um trabalho autoral e fez sua estréia em CD, em 2001, com o disco “Bangalafumenga”. Lá estavam “Rap do Real” (Rodrigo Maranhão/Pedro Luís), “Baile da Pesada” (Rodrigo Maranhão/Fernanda Abreu) e “Ciranda do Mundo” (Edu Krieger). O disco foi gravado ao vivo durante algumas apresentações do grupo e, apesar das dificuldades técnicas e do orçamento zero, conseguiu captar muito bem a alma da banda. Lá estava a bateria desmembrada, misturada aos instrumentos do bloco, efeitos, cavaquinho elétrico, baixo e naipe de metais.

O EP “Vira-lata”, lançado em 2004, pelo selo Cardume do Humaitaprapeixe/EMI foi a estréia do Banga em estúdio. Produzido por Chico Neves, trazia versões de “Baile da Pesada” e “Baile Funk” (RM), as inéditas “Pare”, “Ciranda Nova” (RM) e “Rap do Perigo” (Osmar Rosa). O disco era uma espécie de laboratório para entrar na gravadora, mas dos quatro artistas que participaram ninguém foi contratado.

Foi na rua, onde sempre gostou de estar, que o Banga consolidou seu espaço no cenário musical.

Em 2008, trancados num pequeno estúdio no Grajaú (Vila Musical), o grupo começou a produção de “Barraco Dourado”, privilegiando o lado autoral da banda. Rodrigo Maranhão traz as inéditas: “Mãe D’água”, um ponto de abertura; “Barraco Dourado”, um maracatu funk, e “Baseado em fatos reais”, um samba estilizado que conta a história da saga do ritmo mais popular do Brasil. Também assina “Chapéu Mangueira” e “Brother” -- composta para Serjão Loroza -- que refletem a importância da dança na história do Banga. “Quebra-quilos” (Pedro Luís) é uma homenagem a Celso Alvim -- primeiro mestre de bateria -- e ao início de tudo nas oficinas da Pró Arte, em 96. Foi lá que a batucada começou.

(CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA)



RELEASE CD BARRACO DOURADO

(CONTINUAÇÃO)

A faixa instrumental “Especial de agogô” é uma composição coletiva, onde os agogôs aparecem como solistas. Efeitos de sintetizador dão o tom psicodélico. “Lourinha Bombril” (Diego Blanco/Fernando Hortal/ Versão: Herbert Vianna) traz um pouco dos bailes da Fundação para o CD, além de ser mais uma oportunidade do grupo afirmar sua alma vira-lata.

“Trilhos Urbanos” de Caetano Veloso, gravada em jongo, é um dos momentos mais bonitos do CD. Para fechar o repertório, “Sexta-feira/ Bonfim” de Márcio de Dona Litinha (compositor e cantor do grupo sergipano Naurêa) é uma música muito marcante nas apresentações ao vivo, que invariavelmente termina em roda de ciranda. No CD, a faixa ganhou o acordeão de Marcelo Caldi e o violino de Nicolas Krassik.

Roberto Stepheson continua assinando os arranjos de metal e flauta com muita competência, dando um colorido especial e uma unidade estética ao trabalho. A mixagem de Marcelo Sabóia deixa todos os instrumentos soarem com clareza.

A bateria segue afiada e desbravando novos e velhos caminhos. A temática é urbana e carioca, mas passeia seus olhos pelo Brasil. O Banga atravessa 11 anos de história fazendo a música que sempre fez. Tire o tapete da sala.